

Universidade Federal do Rio Grande Do Sul  
Instituto de Psicologia, Serviço Social, Saúde e Comunicação Humana - IPSSCH  
Curso de Psicologia

Fernando Zachia Sartori

TESSITURAS DO POSSÍVEL:  
ENTRELACAMENTOS DE UM  
CUIDADO EM REDE

Porto Alegre, 2023.

FERNANDO ZACHIA SARTORI

**tessituras do possível: entrelaçamentos de um cuidado em rede**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Amadeu Weinmann

Porto Alegre, 2023.

*Dedico esse trabalho a todos aqueles que me ensinaram a bordar – mesmo que sem linhas e agulhas.*

## Sumário

|   |    |
|---|----|
| avesso nº I .....                                       | 6  |
| I. para começar: tecido, linha, agulha e bastidor ..... | 7  |
| II. quando tece .....                                   | 9  |
| II.I. rede(s) .....                                     | 9  |
| II.II. tessitura(s).....                                | 15 |
| II.III. <i>bordar(es)</i> .....                         | 19 |
| avesso nº II .....                                      | 22 |
| III. quando rasga.....                                  | 23 |
| avesso nº III .....                                     | 28 |
| IV. um outro laço .....                                 | 29 |
| avesso nº III + I .....                                 | 34 |
| Referências.....  | 35 |

Eu era o minuano, naquela noite, paulista. Era e ainda sou. Se quiseres, posso assobiar para veres como é. Não te recomendo, porém. É uma experiência terrível.

Desci até a Rua da Praia. No Largo dos Medeiros, havia um caminhão estacionado; lá de cima um estudante discursava à pequena multidão. O que é que dizia, paulista? O pau vai quebrar? O povo no poder? Não fiquei para ouvir. Continuei. Passei pela esquina ali, estás vendo? – e por toda a parte a mesma coisa, grupos discutindo. O pau estava quebrando, paulista, o pau estava mesmo quebrando.

*(Trecho de Mês de cães danados, de Moacyr Scliar)*

A bolsa retumba: liberdade é o melhor cuidado. Cuidado em rede. Que rede é essa? Qual malha lhe dá sustentação? Esticamos a linha que vagarosamente se desprende do novelo. Usamos o braço como medida. (Aqui um adendo àqueles de muita envergadura: arrumem outra medida!). Tesoura e corte. Ponta da linha indo de encontro com a ponta da língua. Pandemia. Então, ponta da linha indo de encontro ao dedo besuntado em álcool-em-gel. Pronto. Agulha em riste, operação cirúrgica. Minúcia. Por vezes, tremedeira. A linha atravessa o vazio da ponta da agulha. Vazios. Mãos firmes, linha-agulha adentrando e saindo do tecido. Criam-se avessos, rastros, ritmo, nós, dança e desenho. Embora houvesse estampado no pano uma gravura prévia, o bordado avança singular, à mercê da história das mãos que portam a *linhagulha*. O colorido preenche os furos, o vazio, da tessitura. A itinerância dos pontos eleitos à artesanaria. Cuidado em rede.

## I. para começar: tecido, linha, agulha e bastidor

lanço-lhe uma linha de equilíbrio  
dou-lhe um abismo  
tiro-lhe a rede  
tiro-lhe o abismo  
dou-lhe a rede  
estendo-lhe o abismo

(Maria Gabriela Llansol, *Da sebe ao ser*)

“Não devemos escutar demais para não tirar o papel do terapeuta” foi a advertência vinda de alguém da equipe do GeraAção POA durante uma reunião. A sentença atualizava as questões acerca do lugar de estágio de psicologia naquele serviço. “Não escutar demais” é, por certo, uma incoerência germinal da práxis *psí*, ou pelo menos deveria ser. Além disso, oculta um sentido referente ao estatuto da escuta enquanto um dispositivo circunscrito – ou preso – em um arranjo convencional: o *setting* terapêutico. O Gera integra a Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), promovendo a desinstitucionalização da loucura ao comprometer-se com o reenlace social de sujeitos outrora aprisionados.

Dito isso, tensionar as bordas impostas à escuta – seja ela em sua dimensão ética, técnica ou estética – além de ser um dos horizontes desse ensaio, torna-se possível em diálogo com a experiência<sup>1</sup> de estágio que a ancora. Pois, a experiência sustenta a escrita *a posteriori*, que entrelaça um campo conceitual e outro prático. Nesse sentido, compreende-se que no GeraAção POA a escuta pode transgredir certos limites por não ser uma ferramenta estritamente normalizadora ou disciplinar; e, também, por não se enquadrar na tradição da clínica individual.

Isso posto, para auxiliar no fio das reflexões aqui presentes, entende-se que a noção de *tessitura* (MADEIRA, 2016; MADEIRA & MOSCHEN 2017) – que será aprofundada mais adiante – abarca uma gama teórico-prática extremamente potente para articular as reflexões da experiência de estágio a uma dimensão coletiva, não apenas limitada à clínica convencional. O que, por um lado, ressalta o argumento –

---

<sup>1</sup> A experiência funda esse escrito. Bondía (2002, p. 21) a define enquanto: “o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece”. A partir da experiência, cria-se outra temporalidade para elaborá-la e escrevê-la, “em um tempo só-depois, o que foi escutado passe a compor um tecido, ainda que temporário e precário, para o desenho do objeto de pesquisa, parece-nos interessante” (SIMONI & RICKES, 2008, p. 101).

ilustrado na epígrafe pelo romance *Mês de cães danados*, em que o protagonista desencadeia em meio ao emaranhado de processos subjetivos e sociais, representados pelo plano de fundo da Campanha da Legalidade<sup>2</sup> – de que a camada social é indissociável daquela singular, e, por outro, reforça meu elo com o discurso psicanalítico.

O conceito de *tessituras*, elaborado a partir da experiência com a clínica das psicoses – embora não se detenha apenas a essa categoria estrutural –, dialoga com a realidade do serviço em questão. Pois, não obstante os diagnósticos descritivos não assumirem protagonismo nas trocas com os(as) usuários(as), do ponto de vista da estruturação psíquica, as proposições da clínica das psicoses são um guia importante no que diz respeito tanto à técnica, quanto a modulação da doxa.

Por outro lado, chega-se ao conceito das *tessituras*, também, pela via da metáfora. Pois, a *tessitura* que para Madeira (2016) diz respeito ao caráter estrutural do inconsciente que, tal qual um tecido, vai ganhando sustentação a partir das amarrações significantes, tem sua definição no dicionário<sup>3</sup> enquanto uma *composição de tecido; textura* ou um *modo como estão interligadas as partes de um todo; organização, contextura*. Nessa linha, em ritmo de associação livre, das *tessituras*, pode-se pensar em *rede*<sup>4</sup> – *entrelaçado de fios, de espessura e materiais diversos, formando um tecido de malhas com espaçamentos regulares* –, o que nos faz recordar a Rede de Atenção Psicossocial (RAPS). E, em tempo, da estruturação psíquica, do laço social de cuidado em saúde mental, penso na oficina de bordado do serviço; ou seja, *bordar*<sup>5</sup>: *ornamentar (tecido) com fios*.

*Tessituras, rede, bordar*. é na aposta dos entrelaçamentos dessas ferramentas reflexivas que navegarão as linhas desse ensaio. Em contrapartida, como se mostrará à frente, essa sobreposição de linhas, malhas e tecidos, também é suscetível ao

---

<sup>2</sup> A Campanha da Legalidade foi um movimento cívico-militar liderado pelo governador do Rio Grande do Sul, Leonel de Moura Brizola, no ano de 1961 para garantir a posse democrática de João Goulart como Presidente do Brasil.

<sup>3</sup> TESSITURA. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/tessitura/>>.

<sup>4</sup> REDE. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/rede/>>.

<sup>5</sup> BORDAR. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/bordar/>>.

rasgo. Seja na ordem do desencadeamento do surto em alguns sujeitos; da precarização da Rede, conseqüente da mercantilização neoliberal do Sistema Único de Saúde; ou, até mesmo, dos enozamentos que impossibilitam o bordado de seguir adiante. Ademais, tamanho é o emaranhamento, que as dimensões singulares e coletivas são inerentes. Isto é, afetam-se, enozam-se influenciam-se; *tessitura, rede, bordar*. Sendo assim, a aposta também diz respeito à sutura ante o rasgo. ‘tessituras do possível: entrelaçamentos de um cuidado em rede’ já carrega no título que o enodamento só pode ocorrer nas brechas, na abertura de possibilidades perante a realidade que se sobrepõe; uma linha de fuga; uma tecelagem.

## II. quando tece

*(la trama más que el desenlace<sup>6</sup>)*

### II.I. rede(s)

O *GerAção POA Oficina Saúde e Trabalho* tem muitas alcunhas. Pode-se dizer Gera POA ou apenas Gera. Por isso, a alternância durante a escrita. Enfim, o Gera é um serviço 100% SUS, estabelecido em 1996, em meio à sementeira da Reforma Psiquiátrica. Assim, substituí<sup>7</sup> a lógica manicomial, integrando o eixo de Reabilitação Psicossocial da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS). Promove o enlace das(os) oficinairas(os) - usuárias(os) - com a cidade, fomentando a autonomia e o direito ao trabalho. Pela via da geração de renda e da Economia solidária, o Gera estimula que aqueles – outrora cerrados do convívio - ocupem outros lugares no tecido social, rearranjando as gramáticas do reconhecimento.

Inicialmente, torna-se importante traçar um resgate histórico a fim de contextualizar e situar, em certa medida, o Gera em meio a essa trama. Ressalta-se, para isso, a importância da Reforma Psiquiátrica como um dos principais nós nessa rede de relações. Concebida por Amarante (2021, p. 17) enquanto um “processo

---

<sup>6</sup> *La trama y el desenlace*, Jorge Drexler.

<sup>7</sup> “Os serviços ditos *substitutivos* são considerados estratégicos para a consolidação da transformação da assistência e na melhoria da qualidade de vida das pessoas assistidas, tanto através do tratamento, quanto por meio de projetos relacionados à questão do trabalho, da moradia, do lazer, da arte-cultura, que visam a inserção na sociedade” (Amarante, 2021, p. 20).

social complexo” que possui como horizontes éticos “a inclusão, a solidariedade e a cidadania”, a Reforma Psiquiátrica tem como objetivo, segundo o autor, de

Construir um novo lugar social para a loucura, transformando as práticas da psiquiatria tradicional e das demais instituições da sociedade, o que, evidentemente, implica tratar melhor e de forma mais “humana” e solidária tais pessoas (p. 17).

Ademais, são muitos os desafios da Reforma Psiquiátrica Brasileira de construir uma rede substitutiva à lógica manicomial, trazendo um pouco mais de dignidade para as pessoas que vivem a experiência de adoecimento psíquico, num país de dimensões continentais (Palombini, 2022). Como bem aduz a autora, “os empresários da loucura” que veem a saúde enquanto uma mercadoria – como discutiremos no capítulo posterior – buscam incessantemente sabotar os avanços que um cuidado em liberdade proporciona.

Tal cuidado em liberdade é um exercício constante, um direito de habitar a cidade, usufruir seus espaços, serviços e bens culturais, reassegurando e reafirmando os logros antimanicomiais (Palombini, 2022). Sendo assim, para poder pensar o cuidado em liberdade de maneira mais ampla, o devemos entender como “uma operação complexa, uma operação em rede, que não se reduz à abertura de serviços substitutivos à lógica manicomial, como os centros de atenção psicossocial, muito menos a uma ação medicamentosa” (p. 25). Essa rede, entretanto, para sua existência, necessita dos nós de diversos atores, equipamentos e espaços do território, além da responsabilidade compartilhada. “A rede não é estática. Ela é movente, é feita pelas pessoas. E envolve diferentes dimensões que se articulam entre si e se afetam reciprocamente: gestão, atenção, política, formação” (p.24). Como reforça Ferrari (2022, p. 94), essa rede é um sistema

composto por vários espaços de interlocução permanente com os setores das políticas públicas, principalmente, aqueles ligados à saúde, à educação, à cultura, à assistência social e à justiça. Uma rede-malha que integraliza ações (de atenção, reabilitação, promoção de saúde, ensino e pesquisa) voltadas ao objetivo de desinstitucionalizar e desmistificar a loucura, produzir saúde e saúde mental, construir subjetividade e novos sentidos para a vida singular e coletiva.

Nessa linha, a RAPS, por exemplo, que articula toda essa noção de cuidado em rede e em liberdade, da qual o Gera integra, constitui-se, também, como um importante marco político. Instituída pela portaria GM/MS nº 3.088, de 23 de dezembro de 2011, a RAPS é tecida por vários serviços e dispositivos, que variam conforme o nível estratégico de atenção. Seus componentes são a Atenção Básica em Saúde; Atenção Psicossocial Estratégica; Atenção de Urgência e Emergência; Atenção Residencial de Caráter Transitório; Atenção Hospitalar; Estratégias de Desinstitucionalização; e, por fim, a qual o Gera pertence, Estratégias de Reabilitação Psicossocial – que englobam Iniciativas de Geração de Trabalho e Renda e Fortalecimento do Protagonismo de Usuários e Familiar.

Uma vez conceitualizada a RAPS, vale retomar a Reforma Psiquiátrica a fim de problematizar os fatores raciais apontados por (Palombini, 2022). Destaca-se, que os manicômios vão fortalecendo-se em concomitância ao enfraquecimento, pelo menos formal e legal, da escravatura. Ou seja, a uma íntima relação entre esses dois fenômenos, como destaca a autora: “a libertação dos negros e negras escravizados e a criação de hospícios como espaço que passa a lhes ser destinado: das plantações e das minas para as celas do manicômio (ou das prisões)” (p. 29). Nesse viés, Fanon (2020) também propõe um paralelo entre a psiquiatria perante o paciente e a colonização perante o colonizado. O projeto manicomial é uma forma de opressão que denuncia o quanto o sistema político colonial é fator de enlouquecimento e adoecimento. Portanto, no que tange à Reforma Psiquiátrica:

“Trata-se de retomar criticamente as epistemologias e práticas de que se vale a Reforma Psiquiátrica Brasileira, produzindo abertura para outras formas de saber, pensar e cuidar que levem em conta a singularidade de cada usuário de seus territórios, que respeite os direitos humanos, que garanta direitos sociais e atenda ao princípio de equidade racial nas condições de vida e de saúde da população” (PALOMBINI, 2022, p. 32).

Bem, retomando a discussão para o Gera – lugar que ancorou a experiência de estágio que sustenta esse escrito –, enfatizo que lá, a partir de um planejamento singular, os sujeitos podem realizar as oficinas de serigrafia, de encadernação, de embalagem, de papel artesanal, de pintura, de costura, de velas e de bordado. Fundamentando-se, então, dentro dos princípios da Economia Solidária, cujos principais objetivos, conforme Rotelli (2000), visam à inclusão social de pessoas em

situação de vulnerabilidade. Além disso, a Economia Solidária é uma prática de trabalho alternativa à exclusão, à miséria, ao desemprego e à cultura individualista do modelo sócio-político-econômico neoliberal. Dessa forma, possui um caráter contraventor, ao propor estratégias cooperativistas e coletivas que visam promover direitos, enfrentando processos de precarização da vida que inscrevem sujeitos à margem das gramáticas normativas. E, no contexto da Reforma Psiquiátrica, tal estratégia de trabalho é uma ferramenta de cuidado em saúde mental que tece um coletivo, como aponta Ghirardi (2016, p. 74)

O lugar do trabalho é, portanto, um lugar comum, de passagem em que pessoas se encontram no ir e vir das buscas, com histórias diversas tecem cotidianamente novos laços sociais no universo cultural das trocas de valores simbólicos.

O Gera, à vista disso, sustenta um outro lugar aos oficinairos na trama social e fortalece as tessituras do cuidado, preservando as experiências coletivas e singularidades que o vivificam, uma vez que viabiliza

formas de enlace do louco com a vida em sociedade, pontos de amarra que possam sustentar a trama da sua existência, que permitam que elas naveguem pela vida fazendo pontes, encontrando portos, sem naufragar. (PALOMBINI, 2005, p. 90)

Nesse sentido, dentro dessa rede, a aposta é a de justamente conceber o trabalho como uma ferramenta de subjetivação, emancipação e, por conseguinte, de produção e enlaçamento de malha simbólica. Logo, trago ao debate a Psicodinâmica do Trabalho (DEJOURS, 2022) por não se tratar de uma perspectiva limitada do trabalho enquanto apenas um lugar de sujeição, individualização e de simples reprodução de normas prescritas, pelo contrário. Ora, Dejours em suas formulações, atenta ao fato que Freud já evocava uma dimensão pouco usual do trabalho, isto é, o trabalho do psiquismo, da subjetividade sobre ela mesma pelas moções oriundas do inconsciente. São diversas as variações do trabalho psíquico que acarretam mudanças psíquicas, como o trabalho do luto, o do sonho, o da lembrança, o terapêutico, cada um com sua especificidade. Ou seja, tem-se aí uma concepção de trabalho não limitada à produção apenas mercantil ou capitalística, mas também à transformação de si próprio. Para que essa ampliação subjetiva ocorra, todavia, são necessárias condições materiais e políticas.

Dejours (1999) defende que o trabalho é constituído, também, pelas dimensões culturais e sociais. O reconhecimento daquele(a) que trabalha pelo coletivo, além das relações que os trabalhadores estabelecem entre si, enriquecem as subjetividades. Por isso, o *trabalhar* implica na convivência entre os colegas de trabalho, bem como os processos coletivos de aprendizados, de pactuações de regras e de trocas simbólicas, aumentando a contratualidade social (SARACENO, 2001) e há possibilidade de reinventar a vida em seus aspectos cotidianos.

Quando se deseja, por meio da arte ou do trabalho, produzir territórios existenciais (inserir ou reinserir socialmente os 'usuários', torná-los cidadãos ... ) crê-se que está se falando (a meu ver, dever-se-ia falar) não de adaptação à ordem estabelecida, mas de fazer com que trabalho e arte se reconectem com o primado da criação, ou com o desejo ou com o plano de produção da vida. Pois que o plano da produção desejante é também o plano de engendramento do 'mundo humano'. No trabalho com os usuários de psiquiatria (terminologia empregada na atual reforma psiquiátrica), trata-se de reinventar a vida em seus aspectos mais cotidianos, pois é do cotidiano (RAUTER, 2000, p. 271).

Nesse ponto, para que o trabalho se desenvolva no contexto do Gera, além do funcionamento da Rede, saliento a necessidade de um saber-fazer que englobe uma escuta sensível durante as oficinas, aliada a intervenções que partam do trabalho e, a partir disso, operem analiticamente; o entrelaçamento do coletivo com a singularidade. Então, efetiva-se um espaço de diálogo, de acolhida, de encontros e de experiência compartilhada, afirmando a potência do trabalho em produzir o novo, em criar sujeitos e mundos (DE BARROS et al, 2008). Ademais, penso que a ética do serviço seja a de sustentar um *trabalhar* não meramente adaptativo, mas que produza saúde ao criar outras normas de vida (Canguilhem, 2002). Um *trabalhar* que seja organizador subjetivo e operador de tessituras ante a fragilidade estrutural de um sujeito que – pela via do trabalho – produz a si mesmo, reconhecendo-se naquilo que faz.

Posto isso, no bojo das lógicas antimanicomiais, o GerAção PoA sutura às fragilidades das malhas psíquicas, incidindo no âmbito singular pela via de estratégias

coletivas<sup>9</sup>. Lacan (1955-1956/1981) aponta que, em relação à cadeia do delírio, “o sujeito nos parece ao mesmo tempo agente e paciente. O delírio é tanto mais sofrido por ele quanto mais ele não o organiza” (p. 247). Quanto mais tecidas, portanto, estão as narrativas do sujeito, haverá menos sofrimento pela via das elaborações sintomáticas. Certa oficinaira, por exemplo, bordadeira exímia, certa feita me confessou que é atormentada por vozes – que só ela escuta – por grande parte de sua vida. Mais que o diagnóstico, que o discurso biomédico sustentado pela medicalização da vida, devemos sustentar um outro lugar. Assim, ela segue narrando que, nos momentos em que se encontra no Gera, as vozes cessam. É justamente na aposta de um trabalho tecido por várias mãos e de um alargamento dos fios teóricos que se estabelece um cuidado humanizado em saúde (KIERNIEW et al, 2020). A oficinaira vai articulando suas amarras e ganhando sustentação nas brechas do serviço: no escutar e no bordar-narrativas, fortalecendo os elos transferenciais. Tudo isso, nas oficinas e em concomitância ao trabalho clínico-individual.

Além dela, podemos pensar em outro oficinairo, que vai ao Gera com sua demanda de desenhar. Isolado dos demais, rabiscava, em repetição, as mesmas frutas na folha branca, por vezes um que outro poema ou uma história em quadrinhos. Ele representa um desafio ao serviço, em que a primazia pelo produto e o enfoque nas oficinas de trabalho – e não terapêuticas – é enfatizado. Nova lacuna no Gera. E da lacuna, do vazio, a costura. Aproximei-me dele. Inicialmente, o escutei. Em meio a desenhos, falas e constantes perguntas angustiadas, fomos estabelecendo nossos elos transferenciais. Propus, depois, que ele pudesse desenhar nas embalagens para as vendas dos produtos. E, além disso, que ele pudesse ler suas poesias. Algumas delas eram selecionadas para integrar a folha de rosto de algum caderno ou para serem tatuadas em alguma vela. O oficinairo reconhece seu trabalho no serviço, ameniza um pouco a angústia de suas inquietações e indeterminações. Nesse contexto, a psicanálise imprime sua grafia. A ética do desejo; a ética da escuta (LACAN, 1959-60/1991).

Portanto, o Gera PoA é um espaço heterogêneo de tecedura, de amarração e, por consequência, de produção subjetiva, conferindo estofo simbólico perante os

---

<sup>9</sup> O Gera “acumula uma memória coletiva que é *tecida* (grifo meu) com diversos elementos inscritos, tanto na singularidade dos encontros, como nas lutas em movimentos sociais por uma sociedade sem manicômios, pelo cuidado em liberdade e pelo direito ao trabalho” (DA SILVA et al, 2022, p. 64).

rasgos psíquicos. E é importante frisar que esses processos ocorrem de maneira entrelaçada com a rede, pois, os efeitos clínicos ocorrem em um espaço coletivo, em ressonância, no entanto, com a singularidade de cadaicineiro(a). Nesse viés, cada intervenção com os sujeitos durante as oficinas, bem como o dia a dia no serviço, vão, em certa medida, tramando malhas fantasmáticas a estabelecer uma costura significativa que, conforme apontam Madeira & Moschen (2017, p. 403), situa “o Outro – seu desejo, seu nome, sua presença”. É no encontro com e na escuta dosicineiros(as) que tal *bordar* revela-se<sup>10</sup>. Situar esse Outro é, justamente, reconhecer um lugar de determinação subjetiva e de experimentação de alteridade. O Outro da cultura que antecipa todos os sujeitos e se instaura em meio aos processos e narrativas sociais – como as de raça, classe, gênero e loucura. Um Outro que instaura um lugar, como vemos em Quinet (2012), por intermédio de uma afirmação: “Tu és...” umicineiro do Gera PoA; um representante do controle social; uma ativista do SUS; uma trabalhadora; um artista. A uma polissemia de possibilidades que cedem a sujeitos, antes impedidos, a contingência de uma alienação em torno de outros significantes. Um reconhecimento de outro lugar das trocas sociais, costurando uma outra narrativa sobre si.

## II.II. tessitura(s)

Em diversos momentos de seu ensino, Lacan, ao abordar sua maquinaria conceitual, lança mão de algumas metáforas. Quando, por exemplo, assinala no Seminário 3 – as psicoses – que “O inconsciente é, no fundo dele, estruturado, tramado, encadeado, tecido de linguagem” (Lacan, 1955-56/1981, p. 139). Ou, ainda, no Seminário 23 – o sintoma –, quando disserta acerca do processo analítico: “É de suturas e emendas que se trata na análise” (Lacan, 1975-76/2007, p. 71). É em meio a essa tapeçaria que Madeira (2016) propõe a noção de *tessitura*, pretendendo introduzi-la como nomenclatura diferencial da estabilização das psicoses. Em suma, *tessitura* poderia ser caracterizada pelas articulações significantes que são essenciais ao funcionamento estrutural fora da crise. *Tessitura* produz metáfora e sentido. Uma vez que um sujeito psicótico encontra uma fragilidade em sua malha estrutural –

---

<sup>10</sup> As psicoses demandam novas *tessituras* para suprir carências estruturais (Madeira, 2016).

sendo o rasgo o equivalente ao desencadeamento do surto –, a *tessitura* seria a “(re)costura singular desse rasgo” (MADEIRA, 2016, p. 2); um bordar ante à fragilidade. Assim, produzem-se alterações fenomenológicas como a atenuação da angústia, diminuição das alucinações, coerência discursiva e diminuição dos fenômenos psicóticos.

Se, na clínica das neuroses, o fazer analítico visa produzir furos na trama significativa, isto é, desarticulações e cortes no discurso, o manejo em relação à clínica das psicoses é outro. Um fazer, portanto, voltado à costura, visto que produzir indeterminações subjetivas e vacilar sentidos acarretam o aumento da angústia. O nó rígido que articula o gozo, o sintoma e as repetições no neurótico, necessita ser tecido no sujeito psicótico. Uma sutura que estabeleça a relação do sujeito com a cadeia do discurso que o constitui (Miller, 1990).

Caligaris (1989) afirma, nesse sentido, que nas psicoses há uma fragilidade das amarragens estruturais que constituem o enlace entre a rede significativa e as significações. Essas amarragens são os pontos de estofa que constituem o polo central que organiza e centraliza o saber do sujeito e o seu mundo. O ponto de estofa adquire, assim, uma função estrutural de injeção e consistência subjetiva<sup>11</sup>. Segundo Quinet (2012), o ponto de estofa, dentro de uma linguagem de estofamentos, é o ponto de costura, em que se acrescenta um botão que amarra toda a estrutura de uma almofada. Ou seja, aquilo que vetoriza psiquicamente o sujeito. Como sublinha Lacan (1957-58/1999, p. 15): “é preciso que em algum ponto, com efeito, o tecido de um se prenda ao tecido do outro”. Dessa forma, tais amarragens, em que os significantes polarizantes agrupam em feixe as significações, torna-se dispersa nas psicoses. Por isso, no Seminário 3, Lacan sublinha:

não sei o total, mas não é impossível que se chegue a determinar o número mínimo de pontos de amarração fundamentais entre o significado necessários para que um ser humano seja dito normal, e que, quando eles não estão estabelecidos, ou soltam, produzem um psicótico” (1955-56/1981, p. 304).

---

<sup>11</sup>Nas psicoses, não há um sujeito sem significação – a esmo –, a despeito da errância e da ausência da amarragem de um lugar central, há, como problematiza Caligaris (1989), pontos de estofa que deslizam.

Logo, o ponto de estofa refere-se à articulação significativa e à possibilidade de produção semântica. Uma vez desfeito, o sujeito vive uma experiência de despersonalização característica do surto psicótico. Madeira (2016) propõe que o rasgo na *tessitura* das malhas significantes ocorre onde há maior fragilidade na costura das tranças fundamentais que situam o sujeito no mundo: a sexuação; o corpo; a alteridade; a filiação; e a morte. Dito isso, pode-se dizer que, no limite, o ponto de estofa possui uma função estrutural equivalente à do Nome-do-Pai. Ao propor uma *clínica das tessituras*, Madeira (2016) busca “tornar palpável a noção de Nome-do-Pai” (p. 5), concebido pelo autor como uma extensa malha de significantes.

Para Quinet (2012), o Nome-do-Pai é um significante que estrutura a ordem dos significantes, constituindo o inconsciente como discurso do Outro. Assim, o sujeito deixa de ser objeto de gozo desse Outro (inicialmente, objeto primordial), uma vez que o resultado da metáfora paterna é a inclusão do Nome-do-Pai, situando o Outro como lugar da Lei simbólica. A metáfora do Nome-do-Pai, sustentada pelo recalque originário (DOR, 1989), é onde a criança pode mobilizar seu desejo a objetos substitutivos ao objeto primordial, agora objeto perdido. Dito de outra forma, o sujeito é introduzido ao registro simbólico e à cadeia falada, em que simboliza a falta do objeto perdido pela palavra. Essa inscrição na cultura exige uma renúncia pulsional, haja vista que o Nome-do-Pai inaugura a alienação do desejo na linguagem, afastando do assujeitamento imaginário ao objeto perdido (DOR, 1989).

Entretanto, como é sistematicamente cultuado na literatura lacaniana, o “fracasso” (Dor, 1991, p. 101) da metáfora do Nome-do-Pai, isto é, sua forclusão (*Verwerfung*), acarreta a instauração de processos psicóticos. Portanto, o fato de o significante do Nome-do-Pai encontrar-se forcluído faz alusão a algo incluído fora do tempo prescrito e compromete gravemente o acesso do sujeito ao registro simbólico. Nesse sentido, Lacan (1955-1956/1981, p. 21) sublinha: “tudo o que é recusado na ordem simbólica, no sentido da *Verwerfung*, reaparece no real”, ou seja, reaparece sintomaticamente nas alucinações, delírios, catatonia e demais desorganizações.

Por sua vez, Madeira (2016) corrobora com a ideia de que o Nome-do-Pai é uma extensa malha de significantes; uma pluralidade. Sua forclusão seria a inscrição de uma “*tessitura* extemporânea, tardia” (p. 6), no que diz respeito às costuras estruturais do sujeito. Dessa forma, há uma tentativa de estender a noção de

forclusão ao passo que esta seria pluralizada e heterogênea, afirmando as singularidades da experiência clínica e os distintos bordados simbólicos que cada sujeito logra tramar. Madeira (2016) também defende a ideia de uma temporalidade estrutural, em detrimento daquela cronológica, opondo-se à lógica dicotômica da constituição psíquica, o que permite operar com a noção de *tessitura* tanto nas neuroses, quanto nos casos limite.

Por isso, sustento a aposta de operar a ideia das *tessituras*, uma vez que a compreendo como uma ferramenta clínico-social, cuja potência repercute e modula o saber-fazer no estágio (e para além dele). Ademais, tal entendimento auxilia a pensar nas polissemias desse saber-fazer, não restringido ao *setting*, e inventivo quanto ao caráter das intervenções. Em outras palavras, trata-se de articular tanto a dimensão social quanto a singular que as *tessituras* possam abarcar. Se, por um lado, nas fragilidades da malha significante de um sujeito a *tessitura* opera enquanto a sutura a partir de uma experiência singular, por outro lado, abarca-se a *tessitura* enquanto enlaçamento social ou, como aborda Pellegrino (1983), pacto social.

Intenta-se integrar as pessoas que vivem a experiência psicótica no circuito do intercâmbio cultural, abrindo outras possibilidades de representação (RIVERA, 2017). Nessa linha, refletindo acerca das situações de confinamento, exclusão cultural, sofrimento intenso e segregação histórica que caracterizam o quadro daqueles que convivem com tal experiência é que se encontra em Quintet (2010, p. 47) a ideia da inclusão do forcluído. Dois termos díspares, como pontua o autor, um faz alusão “ao sujeito em sua história e sua singularidade”, enquanto outro “se refere ao indivíduo na sociedade”. Quinet insiste que esse Outro social discriminador e segregador é hostil à alteridade do “inconsciente a céu aberto” (p. 47) desse sujeito que, na pólis, desarranja os costumes e desacomoda os hábitos. Trata-se, então, de incluí-lo no tecido social sem tentar adaptá-lo a um sistema uniforme. Os desafios são enormes.

Portanto, dentro das vicissitudes do acesso à ordem simbólica, pensar em *tessitura*<sup>12</sup> é pensar no tensionamento da escuta, no rearranjo do *setting* terapêutico, no trabalho enquanto reconhecimento e sutura do sujeito psíquico, nas oficinas e no

---

<sup>12</sup> “conceber o inconsciente estruturado *como uma* linguagem e *tal qual um tecido*, nos permite nomear como *tessitura* tanto pequenos esboços fantasmáticos, quanto a trama de soluções que produzem estabilização dos sintomas psicóticos, pois em ambos os casos se trata de uma costura, de maior ou menor extensão, da malha significante” (MADEIRA & MOSCHEN, 2017, p. 398)”.

GeraPOA como lugar de amaragens. Como diz Rivera (2017) busca-se a “construção de um “comum” multifacetado e baseado no compartilhamento das diferenças, na singularidade”. Busca-se tecer um território acolhedor, potente e sustentado por um saber-fazer que tenha como horizonte ético ferramentas teóricas aliadas à sensibilidade do desejo da escuta, produzindo deslocamentos teórico-subjetivos.

### **II.III. *bordar(es)***

A oficina de bordado escapa da uniformidade das demais. O bordar acontece em outro tempo, em suspensão à celeridade característica dos turnos de trabalho. Enquanto telas são serigrafadas, blocos encadernados e embalagens confeccionadas com rapidez, o bordar detém-se a seu próprio tempo, ao seu próprio ritmo. Compartilha-se linhas, silêncios e algumas palavras. A dança das mãos e dos pontos. Uma oficina já advertiu: “o meu ponto e o dela são os mesmos, mas são diferentes”. A singularidade em meio à trama coletiva, em meio à estante de vendas. Meu ponto, nossos nós. Borda-se o vazio bordeado pelo tecido. Os respiros da tecelagem concebem o emaranhado. Bordar; dar borda, bordado; a bordo, travessia.

A oficina tensiona o entre-lugar. É escorregadia à áspera definição de uma oficina de trabalho e de outra terapêutica. E é justamente nessa fuga que se pensa em promoção de saúde. O bordar – assim mesmo, no infinitivo; um devir, sem os predicados impostos aos substantivos – é uma ferramenta potente para o manejo daqueles que passam pelas experiências psicóticas e formações delirantes. Enquanto estagiário de psicologia, bordo, escuto e percebo. *Ela está agitada, falas desconexas, bordado enrugado, ensoado; não tece nada. De repente, o surto. Os gritos, a confusão. Escuta-se mais, busca-se uma linha para desfazer a confusão do nó. Bordado e malha psíquica em ressonância.* É disso que se trata.

O encontro do tecido (quase cru, infans) com a linha que formará o desenho do bordado, é o Ponto de Estofa que produz significância e sentido. A gravura, previamente serigrafada no tecido – pode ser Frida, Mafalda, Nise, Elza ou um passarinho –, será preenchida de singularidade e subjetivação. Do bordar, o trilhamento tecido, a posteriori, através da narrativa, “em busca do traço mnêmico cujo

desenho não está antecipado” Rickes (2005, p. 42). É nessa mesma linha que Kierniew et al (2020, p. 122) aduz:

A proposta do bordado tem origem a partir dessa perspectiva: a ampliação da narrativa, das condições de enunciar um mal-estar, pode incidir sobre o corpo (...) Ao bordar, os sujeitos vão inscrevendo e escrevendo palavras e desenhos na toalha. As vezes são fatos e acontecimentos da vida, outras vezes são histórias que surgem na presença ou alguma coisa que circula pelo dia do encontro.

Elaboram-se formas que constituem um corpo no tecido comum. O bordado é livre e não requer saber de antemão pontos ou costuras específicas, qualquer pessoa que tenha uma história para narrar é um potencial agente da escrita com fios.

Por isso, podemos refletir acerca da separação que o bordar produz do sujeito em relação ao Outro (invasor nas psicoses). O bordado cria a materialização do dentro e fora. O dentro e fora subjetivo e aquele que, no contexto do Gera POA, faz alusão à opacidade do serviço entre saúde, trabalho e reabilitação psicossocial. Ou seja, uma passagem, uma tentativa, daquilo que se aprisiona para aquilo em que se semeia o cuidado em liberdade. O bordado é uma marcação. A linha pode ser uma fronteira. Bordar permite ao sujeito acesso à ordem simbólica, um entre sujeito/Outro (Moschen, 2012). Bordar constitui a produção de uma perda, “a tessitura de um enredo fantasmático” (MADEIRA & MOSCHEN, 2017, p. 399). O reconhecimento que se produz em meio a isso vem em forma de metáfora nas palavras de uma oficinaira: “ela borda que nem uma máquina”. Essa comparação metafórica adverte que o bordado da oficinaira é tal qual uma produção impecável, digna de artificialidade. Mas não é. É fruto de uma história, é prerrogativa da narração, do narrar-se (Benjamin, 1987). O bordar é uma abertura à invenção e à criatividade. Simboliza aquilo que vem no Real do corpo (RICKES & GLEICH, 2009). Oferta lugar à singularidade de histórias compartilhadas, narradas, ressignificadas e tecidas durante as oficinas. Ao fim,

o bordado desta trama também conta com as resistências, detenções, impulsividades de seu avesso. Mesmo que não sejamos os únicos senhores destas canetas, o traço de nossa história é da responsabilidade de cada um. Somos sempre e de qualquer forma responsáveis pela narrativa que construímos, pela experiência que tecemos (RICKES, 2005 p. 45).



1"Em coletivo meus pontos tornam-se nossos nós - mãos que transformam produtos em histórias afetos e resistências". Manto produzido coletivamente na oficina de bordado e exposto no GeraEncontro.

As capas indevidamente serigrafadas repousavam sobre a mesa. Era nosso dever reaproveitá-las, utilizando papel de parede para cobrir o equívoco da tinta. Como estamos em um serviço de Economia Solidária e de geração de renda, o produto final assume devida relevância. No canto da mesa, sentávamos o oficinairo e eu. Conversávamos em concomitância ao fazer manual. Ele compartilhava comigo um pouco da sua trajetória. Muitas canções, incontáveis concertos de incontáveis artistas. A narrativa tecia suas pegadas. Uma prisão na ditadura, surtos, lutos, tentativas de suicídio, lágrimas, diagnósticos e o desejo de resgatar uma potência perdida. Na medida em que ele falava, o barulho da avenida invadia a janela e aliava-se ao alto volume do rádio. Uma emaranhada polifonia de pressas, buzinas, gases poluentes e *hits*. Penso que um *setting* convencional é justamente a possibilidade de controlar o campo de afetação. Não estamos, todavia, em um *setting* convencional. Ele falava cada vez mais sobre suas questões e eu percebia que todo aquele ruído, talvez, era condição da partilha de sua palavra naquele ambiente. É na brecha que se escuta. Nas brechas dos arranjos sonoros, nas brechas das oficinas de trabalho. A própria contrapartida do método freudiano de associação livre, a atenção flutuante, trata-se disso: uma escuta atenta à assimetria dos ruídos, sem procurar o tom. Uma partitura do improviso. E entre colas, papéis, tesouras e a pressa por um produto apresentável: um desejo de escuta acolhia aquele pedido lançado ao Outro.

Quais são os desafios de se produzir e de sustentar um *escutar* dentro de um espaço, que não é convencional e que está à mercê das lógicas de precarização do trabalho? Um lugar em que os diagnósticos não assumem nenhum protagonismo. Ao lado da defesa e da garantia das políticas públicas, deve haver a garantia ética de um *escutar* nesses entrelugares.

### III. quando rasga

*Liberdade é o melhor cuidado!* Cuidado: não qualquer liberdade. Não a liberdade pregada, canonicamente, pelas formulações neoliberais no campo político e social. Uma liberdade redutiva, que não produz emancipação e aliena os sujeitos em uma concepção de liberdade limitada à escolha e à deliberação. Concepção que nega, inclusive, os processos de sujeição que abarcam a própria noção de liberdade, sem que isso configure uma submissão (Safatle, 2020). Na *rede*, não se trata dessa liberdade. Almeja-se uma liberdade que proporcione a polissemia de significâncias e semânticas, preservando as nuances das histórias de cada sujeito. Uma liberdade que contraste com os imperativos normalizadores, sustentados pelo saber biomédico e descomprometidos com aquilo que produza modulações nas normas que regulam a vida.

O neoliberalismo, entretanto, não só produz, como também gere o sofrimento psíquico (Safatle et al, 2021). Não por acaso, sua ascensão ocorre em concomitância à hegemonia do *Manual Diagnóstico e Estatísticos de Transtornos Mentais* (DSM). À vista disso, o regime assegura modos de subjetivação em que o sofrimento é compatível com as políticas sociais. Controlar as gramáticas de sofrimento é um dos alicerces fundamentais do poder. Por consequência, os discursos de empreendedorismo e livre iniciativa são cada vez mais fomentados, tornando o laço social menos coletivista e mais individualista e narcisista.

Diante disso, a psicanálise constitui-se como um discurso crítico para se pensar o tecido social. Freud (1930/2020), por exemplo, esboça uma leitura sociológica em *O Mal-Estar na Cultura*, refletindo acerca dos conflitos intrapsíquicos oriundos da constituição simbólica e das exigências de renúncia da vida social. Na atualidade, a partir dessa hegemonia neoliberal, encontra-se na literatura psicanalítica uma série de elaborações que apontam para a fragilidade nos entrelaçamentos sociais. São exemplos, Birman (2019) em seu ensaio *O Mal-Estar na Atualidade*; as reflexões de Rinaldi (2021) acerca do ódio e da segregação enquanto sintomas sociais, em detrimento da fraternidade; Menezes (2005) que pensa sobre o pânico como efeito do desamparo na contemporaneidade; e, até mesmo, as interfaces entre o discurso psicanalítico e a sociologia, do sociólogo Bauman (2001), em seu livro *Modernidade Líquida*, e do conceito de anomia, de É

mile Durkheim, relido por Damé (2019). Como denominador comum, há o atestado de uma trama social rúptil.

Assim, saindo do registro coletivo em direção aos processos de estruturação subjetiva, pensar em uma trama suscetível ao rasgo é pensar no desencadeamento. Freud enuncia a imagem de um cristal, previamente rachado, que ao ser atirado ao piso se desfaz. Contudo, o cristal não se despedaça ao acaso, mas sim em linhas de clivagem predeterminadas pela sua própria estrutura (Freud, 1932-33/1977). Por sua vez, Lacan (1955-56/1981) retoma a metáfora do desencadeamento proposta por Freud, para sustentar sua leitura estruturalista da psicanálise. Desse modo, aduz que “na experiência psicótica, o significante e o significado se apresentam sob uma forma completamente dividida” (p. 303). Ou seja, há um rasgo<sup>13</sup> na *tessitura* da malha psíquica.

Posto isso, é possível encontrar uma ressonância na articulação dos âmbitos – aqui entendidos como dissociáveis – singular e coletivo, no trabalho de Pellegrino (1983). Conforme o pensamento do autor, no que concerne ao enlaçamento do sujeito com a malha social, no registro inconsciente, há o pacto edípico, ligado à inscrição da Lei Primordial a partir dos significantes Nome-do-Pai e, por conseguinte, o pacto social, referente à Lei da Cultura e o acesso ao intercâmbio simbólico. Contudo, uma vez que não haja as condições materiais do ponto de vista cultural, há uma ruptura do pacto social

Rompo, aí, com a sociedade, e esta ruptura terá, inevitavelmente, profundas repercussões intrapsíquicas, que irão sacudir, sob a forma de um abalo sísmico, os fundamentos do pacto primordial com o Pai simbólico – e com a Lei da Cultura (PELLEGRINO, 1983).

Dessa forma, o autor reforça a indissociabilidade das camadas da constituição intrapsíquica, reforçando sua correlação e a influência das condições históricas sobre os processos singulares e inconscientes.

---

<sup>13</sup> “a não-simbolização da *representação insuportável*, que configura a *causa estrutural* em Freud, indicaria, não sua supressão, mas a *fragilidade da sua tessitura*, ou seja, do agenciamento dos significantes que a compõem. Nesse sentido, as representações são aqui pensadas como *malhas significantes*. O desencadeamento seria caracterizado como um *rasgo*, de menor ou maior extensão, produzido pela incapacidade das malhas significantes em operar respostas a determinadas injunções da realidade que as convocasse” (MADEIRA, 2016, p. 2).

Isso dito, um tecido social frágil e suscetível a rasgos é fator e condição de desencadeamento. A ruptura do pacto civilizatório é o rasgo da malha. Por isso, o enfraquecimento da *rede* é, naturalmente, o enfraquecimento de uma *tessitura* singular e a impossibilidade de um *bordar* como estratégia ético-estética perante as brechas. A fragilidade da *rede* é consequência de uma série de políticas neoliberais e suas concepções de mundo e de sujeitos. Dessa forma, um laço social afrouxado e repleto de indeterminações é marcado pela *anomia* (DAMÉ, 2019), ou seja, cria-se um estado desordenado, de incertezas, que gera insatisfação e uma existência desprovida de significância. Nos últimos anos, desde o atentado contra a democracia em 2016, culminado na eleição à presidência de Jair Messias Bolsonaro em 2018, são incessantes os ataques contra as conquistas democráticas e populares, fruto de anos de luta e de ativismo político que uniu vários segmentos da sociedade.

O Sistema Único de Saúde (SUS), estabelecido pela Lei Nº 8.080, de 19 de setembro de 1990, por sua vez, é um dos maiores exemplos disso. Entretanto, não obstante toda luta antimanicomial, da Reforma psiquiátrica e Sanitária, atualmente, comunidades terapêuticas ocupam o espaço outrora destinado aos manicômios, com violência, exclusão, violação de direitos e letalidade. Os serviços de saúde mental ficam à mercê da tendência ultraconservadora da política nacional, perdendo de vista a complexa e multifacetada construção social que engloba o cuidado (RIVERA, 2017). Temos como mosaico, atualmente, o desfinanciamento, o desmonte e a desumanização da saúde pública. Além disso, salienta-se o processo de empresariamento da saúde, em que empresas privadas priorizam seus interesses comerciais, transformando a saúde das pessoas em uma mercadoria lucrativa. A RAPS, por exemplo, é insuficiente pra atender as necessidades de sofrimento mental da população.

Palombini (2022) denuncia que, nos últimos anos, comunidades terapêuticas e hospitais psiquiátricos foram, indevidamente, incorporados ao desenho – ou *bordado* – das redes de atenção psicossocial. Ainda, financiados pelas unidades ambulatoriais especializadas, houve a volta dos ambulatórios e, por consequência, a psiquiatrização e a psicopatologização dos problemas sociais que assombram o Brasil. Nessa linha, perde-se a diversidade, o avanço e os novos nós da *rede*, cedendo para um sistema centralizado, biomédico e alheio à realidade dos territórios em que a *rede* atua – a partir do itinerário dos usuários.

É como se células cancerosas tivessem sido inoculadas nos filamentos desse tecido muito elaborado, complexo, coerente, que a política de saúde mental antimanicomial foi tramando. E esse câncer, se a gente deixar, vai comendo por dentro o tecido, os órgãos desse corpo que é a saúde mental antimanicomial brasileira (PALOMBINI, 2022, p. 26).

Diz a manchete: *96% da atenção primária de Porto Alegre passa para empresas terceirizadas*<sup>14</sup>. Diz outra: *Câmara aprova projeto que reduz participação de trabalhadores no Conselho Municipal de Saúde*<sup>15</sup>. Ambas vão contra a lógica sumária dos princípios que baseiam o SUS. Ressaltam a arena de disputa incessante que é pensar em saúde pública num país atravessado por interesses privados. Na primeira, o fato de que todas Unidades Básicas de Saúde administradas pela prefeitura serão (e foram) terceirizadas aponta para um ataque grave, novamente, aos princípios da saúde pública no país. As modalidades de terceirização deveriam ser apenas complementares – conforme o estabelecido – e não a principal modalidade do sistema. No outro caso, o Projeto de Lei Complementar nº 26/2021 contraria a Lei Federal 8142/90 e significa a perda da participação social nas decisões e fiscalizações do SUS em Porto Alegre. O Conselho do controle social passa a ser consultivo em vez de deliberativo, diminuindo a capacidade da população de agir ativamente nas ações públicas.

Ambos são um exemplo nefasto de soberania (FOUCAULT, 2005, 2017b), isto é, do direito de fazer morrer, contrariando normas constitucionais sem nenhum tipo de legitimidade. Esse fazer morrer, a Necropolítica (Mbembe, 2016) que subjuga a vida ao poder da morte, suspende tanto a legalidade, quanto o lugar do sujeito de direito. Mbembe (2016) vai dizer que a soberania exige a força para violar a proibição de matar, pois, em seu mundo, a morte está presente. Nas bordas das gramáticas do reconhecimento (Butler, 2015), a soberania opera sistematicamente. Nesse caso, o quadro de precarização incessante do SUS impõe a produção de morte e corrobora

---

<sup>14</sup> <https://www.esquerdadiario.com.br/96-da-atencao-primaria-de-Porto-Alegre-passa-para-empresas-terceirizadas>

<sup>15</sup> <https://sul21.com.br/noticias/saude/2022/08/camara-aprova-projeto-que-reduz-participacao-de-trabalhadores-no-conselho-municipal-de-saude/>

com a lógica de que a saúde pública destina-se apenas às classes mais subalternas da tessitura social, intensificando os processos de precarização psicossociais e econômicos.

Por fim, retomo alguns pontos. Assim como o surto psicótico caracteriza-se como um rasgo onde já havia uma debilidade na malha estrutural, processo semelhante parece ocorrer na tecelagem social. Pois, quando se impede os significantes da *rede* de inundarem-se de significações, desencadeamentos são produzidos. O rasgo dos “pontos de estofo” na *rede* não permitem um endereçamento de sentido, não há trança nem articulação semântica. Trata-se, portanto, da dissociação de significante e significado, própria do desencadeamento. Ora, é justamente isso que ocorre quando um espaço destinado à construção, à troca e ao debate coletivo é esvaziado, precarizado e reprimido.

Cuidado em saúde mental é, também, resistir aos rasgos, ser adepto das linhas, bastidores e agulhas. Liberdade e autonomia consiste na multiplicação e no alargamento da trama de dependências. Na contramão dos processos individualizantes, uma cogestão<sup>16</sup>. Uma tecelagem de território. Uma poíese da artesanaria do *bordar*. Deve-se pensar em uma concepção de sujeito que não seja enclausurada em si, mas sim integrada a uma trama.

---

<sup>16</sup> Cogestão é uma trama diversa. “Um espaço produtor de subjetividade, de luta/negociação entre atores distintos”, em detrimento da autogestão que “produz isolamento e dificulta a construção de uma subjetividade capaz de integrar desejos e interesses de distintos Sujeitos”. (CAMPOS, 2000, p. 147).

Naquela manhã, durante a oficina de ativismo antimanicomial do GerAção POA, pediu a palavra. O que era raro, de certo modo. Seguiu ali, de braço estendido, aguardando uma oportunidade para falar. Enquanto isso discutia-se<sup>17</sup>, ferrenhamente, a terceirização e a precarização dos serviços públicos de saúde de Porto Alegre. Pois, o intuito daquela oficina era debater assuntos referentes à saúde mental, à reforma psiquiátrica e ao controle social. Era possibilitado, então, que as oficineiras e os oficineiros daquele serviço pudessem apropriar-se um pouco das gramáticas das políticas públicas, além de formularem propostas para futuras conferências nacionais de saúde mental. Contudo, naquela manhã fria de final de inverno, o discurso soava unitário e hegemônico, sem suspiro ou ruptura. Às vezes, um risco a ser corrido por essa estratégia de educação permanente proposto pelo conselho Local de Saúde do GerAção POA. Quando chegou a vez de ele falar. Pausa. Da pausa, certo suspense visto que pouco falava. Há quanto tempo vocês não veem um arco-íris? Silêncio. Ele insiste: Me parece que antigamente existiam mais arco-íris. Não sei. Corte na palavra coletiva. Mais um silêncio, antecipando o burburinho risonho. Arco-íris? Pois é, não sei, faz tempo mesmo. Coça cabeça, olha para o lado, olha para o outro. Desbotou? *Mudou de cor*<sup>18</sup>? O mundo corre tão depressa que os olhos ligeiros já não o notam mais? Ou, ainda, estamos acima dele, *perfeitamente fora do rigor cronológico*<sup>19</sup>?

---

<sup>17</sup> “desde 2020 movimentos sociais vêm se organizando em defesa da Reforma Psiquiátrica Brasileira, e o Conselho Nacional de Saúde, em dezembro de 2020, aprova a convocação da 5ª Conferência Nacional de Saúde mental. A partir disso, oficineiros e equipe da GerAção PoA criaram o espaço da oficina de ativismo antimanicomial, para discutir questões referentes ao SUS e à saúde mental, com vistas a formular propostas para as conferências que estão sendo organizadas” – Cartilha Ativismo Antimanicomial.

<sup>18</sup> Veja (Margarida), Geraldo Azevedo.

<sup>19</sup> Ferreira Gullar, Poema Sujo.

#### IV. um outro laço

E à medida que o papel abria caminho à agulha com um leve estalo, eu cedia à tentação de me apaixonar pelo reticulado avesso que ia ficando mais confuso a cada ponto dado, com o qual, no direito, me aproximava da meta.

(Walter Benjamin, *Rua de Mão Única*)

As paredes intensamente lilás, – camufladas em meio aos jacarandás da estação – da Casa de Cultura Mário Quintana foram testemunhas do 9º GeraEncontro<sup>20</sup>. Em meio à visceralidade da percussão do cortejo do Coletivo Candombe POA; em meio à exposição que trazia os fragmentos narrativos dos(as) oficinairos(as) sobre como atravessaram o período pandêmico, havia um barco exposto, simbolizando tal travessia – e tantas outras. Travessia. Essa era a temática do encontro. Influenciado pela obra de Arthur Bispo do Rosário – que muito pintou barcos –, cuja inspiração traduziu-se em serigrafias e bordados no serviço que exibiam a arte do artista negro, sergipano e vítima do enclausuramento psiquiátrico. Além disso, pavimentaram o Encontro discussões nas oficinas de trabalho sobre as questões que a vida de Bispo do Rosário provoca: o fazer artístico, o racismo, a institucionalização da loucura nos manicômios, dentre outros.

O artista ficou isolado em uma cela durante sete anos. Com linha, agulha e fragmentos de tecido, bordou seus estandartes e panôs. Sua arte era feita de restos, tal qual a figura do trapeiro (Benjamin, 1987), que recolhe os resíduos, indiferente ao seu valor primeiro, reinventando suas utilidades. Quinet (2003) refere-se aos restos bordados por Bispo como dejetos do dia a dia que elevam um “objeto do cotidiano, utilitário e banal à dignidade da Coisa” (p. 155). Pois, o autor entende que sua arte é uma tentativa do artista de barrar o gozo da Coisa, ou seja, não ser mais invadido por ela. Porém, por hora, esse preciosismo teórico não nos interessa.

A imagem dos restos, ainda, é referenciada na película italiana *Si Può Fare* (Dá pra fazer). A produção aborda a luta antimanicomial e a reforma do sistema de

---

<sup>20</sup> “O GeraEncontro surgiu com a intenção de manter vivo o evento que dava visibilidade à produção feita no serviço. A ideia é promover uma intervenção cultural que convide para o encontro, públicos de diferentes interesses, não apenas quem já tem afinidade com o campo da saúde mental. Apostamos no GeraEncontro como um momento para promover arte e cultura, compartilhando poesias, músicas, rimas e os produtos das oficinas. Também como oportunidade para ampliar o debate da reforma psiquiátrica, apontando desafios e retrocessos” (SILVA et al, 2022, p. 66).

saúde mental italiano, que na década de 80 passou por processos de desinstitucionalização, a partir do surgimento de várias cooperativas de Economia Solidária. O filme, que muito relaciona-se com o Gera, conta a história de uma cooperativa de “sócios” – mas poderia ser também de “oficineiros” – que montavam mosaicos de marcenaria. Em dado momento da trama, um “sócio” fala, em alusão às sobras de fragmentos de madeira utilizadas no mosaico, que o coletivo era “uma cooperativa de restos”.

O resgate dos restos, passando pela obra do Bispo, pelas elaborações de Benjamin e pelo longa italiano, se faz valer devido à vela içada no barco exposto no GeraEncontro. Vela essa feita de restos. Uma *tessitura* dos restos fundamentais. Um manto. Um trapo. Uma costura. E como toda costura tem como prerrogativa um vazio<sup>21</sup>, a vela veio de um. Uma vela feita a partir dos bordados do inominado vazio da *caixa-dos-bordados-que-não-servem-para-nada*. Mas que caixa é essa?

Bom, regressemos ao Gera, onde, decerto, a pauta do produto urge e molda os afetos. Os bordados da oficina que não servem para venda, tampouco para alguma tentativa de conserto, vão para a – não batizada – *caixa-dos-bordados-que-não-servem-para-nada* (dentro de algum ponto de vista). Esses bordados são demasiadamente enozados, enrugados; paleta de cores descriteriosas, excessivamente pessoais, talvez. Uma garatuja no tecido, de um sujeito histórico e desnaturalizado. Logo ao lado de uma caixa repleta de retalhos cuja etiqueta adverte: *esperando criatividade*, encontra-se a caixa, carente de nome: dos *bordados-que-não-servem-para-nada*. Vazio. Qual o reaproveitamento para a não serventia? Neste caso, o vazio trata-se de uma condição para criação, absorvendo todas as forças a fim de transformá-las e de alterá-las (Fick, 2016).

Do vazio, surgiu a vela, cuja função é a de dar movimento ao barco. Tal criação acentua o caráter híbrido do serviço em questão. O lugar do estágio, da escuta, do trabalho, dos respiros. Das teceduras que floresceram das lacunas, a utopia – esse “furo no saber” (Sousa, p. 2009, 399). A utopia refere-se ao não-lugar, aos desarranjos e embaralhos. Navega-se em direção a uma práxis que subverta as

---

<sup>21</sup> Friso que a intenção desse ensaio não é uma simples redução para uma dicotomia entre costura e cesura. Apesar da metáfora utilizada para trilhar o caminho, reconheço a complexidade e os nuances desses processos nas mais variadas singularidades.

lógicas regularizadoras, sustentando os espaços vazios e uma produção fugidia do desejo. A utopia, conforme Sousa (2022), é o contrafluxo. Nessa linha, proponho uma inversão, uma vez que o discurso utópico opera como cesura, nesse caso, a desarticulação de uma malha desarticulada é a própria tecelagem. A utopia enquanto *tessitura* e *bordado* ante os rasgos de uma maquinaria social. É como diz Lacan (1968/2008, p. 268) no Seminário *De um Outro ao outro*: “é a partir da utopia que o pensamento será livre para desenhar uma reforma possível na norma”.

Isso dito, o barco – e não só a vela –, feito na artesanaria de tantas mãos do Gera, traz a bordo uma errância significativa<sup>22</sup>. Ora, no contexto da saúde mental, pode-se recordar da *Nau dos Loucos* (Foucault, 2017a), onde aqueles que não se adequavam à norma eram mandados para uma Nau, a fim de serem excluídos do convívio social. Não seria esse o caso da *Nau do GeraPoa*. Alegam, até, que Lacan teria dito – em meio a toneladas de palavras imprecisas – que o inconsciente é um barquinho (RIVERA, 2012). Manoel de Barros não soube precisar se o que viu era um barco ou um peixe<sup>23</sup>, todavia, o fato é: havia um barco exposto no 9º GeraEncontro. Um barco-registro da potência de um coletivo e do fazer em saúde mental pública com todos seus contratempos.

Tem-se aí, em meio a barco a velas, restos, vazios e costuras, a produção de um comum<sup>24</sup> que resiste aos processos biopolíticos<sup>25</sup>. Pois, todo traço de inutilidade – pelo viés do consumo – cria uma brecha nas demandas mercadológicas e capitalísticas, formando um denominador que perpassa os oficineiros e as oficineiras

---

<sup>22</sup> “Os barcos são votados ao movimento – e particularmente à *deriva*, que é um tipo de impulsão muito interessante para se pensar o sujeito do inconsciente e a subversão do Eu (senhor de seu leme, de sua vela, de seu motor eventual)” (RIVERA, 2017).

<sup>23</sup> (...) Cata-vento. Perto / Havia um barco. / Barco ou peixe? / Não pude precisar.

<sup>24</sup> “composição de singularidades, acolhimento à multiplicidade, capacidade de diferir. É alargamento da capacidade de comunicar, de associar, compartilhar, forjar novas conexões e proliferar redes e tem, como condição, a abertura a uma multiplicidade de encontros que não se fecha a um conjunto de pessoas. Produz funcionamento difícil de capturar, pois se define pela não captura a formas preestabelecidas” (Barros & Pimentel, 2012, p. 12).

<sup>25</sup> Esse comum parece tensionar à incidência da demanda da produtividade dos fluxos estratégicos que regem o serviço. Há nesse caso, a tecnologia do poder da biopolítica que visa fixar um equilíbrio, manter uma medida e estabelecer uma homeostase no grupo. A biopolítica deixa de ter como foco uma anátomo-política do corpo humano e instala mecanismos de previdência em torno do aleatório do grupo, maximizando e otimizando seus processos. A biopolítica, nesse contexto, atua como vetor de um meio, de uma atmosfera organizacional que produz comportamentos mais prováveis, (FOUCAULT, 2006, 2005).

do Gera. Costura-se, então, um coletivo em meio às malhas das forças privatizantes (Barros & Pimentel, 2012). Há, portanto, a multiplicidade, a pluralidade e as diferenças dos processos subjetivos em detrimento do produto padronizado. Ou seja, não há uma unidade. E é pela experimentação e pela incerteza que diversas possibilidades rearranjam o horizonte prescrito.

Ao longo do ensaio, almejei a construção de um campo experiencial e reflexivo em meio à repercussão dos interrogantes acerca do lugar de estágio de psicologia, no GerAção, com todas suas implicações. Deparo-me com um emaranhado de linhas, avessos e toda a heterogeneidade que compõe o espaço e seus atravessamentos. Sousa (2022) afirma que para a vivência tornar-se uma experiência é preciso que haja, fundamentalmente, condições de transmitir e de narrar o que se vive. São esses os deslocamentos que se produzem na escuta e na oficina de bordado, onde se produz laço, materialidade e a circulação simbólica. Cria-se um *fora*. O sujeito emerge quando “algo se destaca do continuum sem bordas em que situa o Outro, em seus primórdios” (MOSCHEN, 2012, p. 105). O bordado cria uma borda, sua produção - como um elemento destacado do corpo - compõe uma exterioridade que inscreve o sujeito na malha simbólica, o que é um relevante impasse (MOSCHEN, 2012). A tecitura de uma materialização nas oficinas, nesse caso, é uma tentativa de produzir uma exteriorização capaz de “configurar uma perda no campo do Outro” (p. 107).

Um *entre*<sup>26</sup> - que marca distância e faz um convite -, um intervalo, um buraco no Outro - avesso do bordado; abrigar algo que se apresenta como externo.

A produção das diferentes materialidades em oficina parece-nos ter como horizonte a construção de um objeto-resto, que não caiu quando da inscrição do sujeito na linguagem, um objeto-resto sobre o qual não operou a castração que permite a inscrição nas malhas simbólicas e que, metaforicamente, se inscreve sobre os elementos circulantes no mundo sob a forma de sua transitoriedade (p. 107).

Trata-se disso: “externalizar um objeto capaz de inscrever novas possibilidades de o sujeito se representar no campo do Outro” (p. 108). No final das contas, almeja-se um

---

<sup>26</sup> “a produção de um entre, de um espaço intervalar que permite diferenciar dois territórios. Esse entre é tributário de um corte num continuum originário que se opera por conta de uma expulsão, de uma exteriorização primeira. Como fruto dessa exteriorização, vemos surgirem sujeito e objeto separados e enlaçados por um entre. Esse vazio cavado no campo do Outro talvez permita uma relação com os objetos que transcenda o acúmulo e possa operar em outros registros, mas, mais do que qualquer coisa, permita, também, uma acolhida ao outro num laço que não se traduz numa relação, mas que possibilita o estabelecimento de uma fratria que pode nos sustentar no atravessamento dos impasses da vida” (MOSCHEN, 2012, p. 109).

saber-fazer no coletivo, que produza um buraco impossível de se costurar – o qual nada tem a ver com o rasgo. Isto é, a utopia por excelência: a criação de um outro laço. O reconhecimento do território híbrido – e desafiante – desse *entre* costura e furo. Uma ética que teça por várias mãos. Há de se transgredir bastidores e fermentas clínicas. Há de se visar uma *práxis* de luta, que assegure os processos democráticos de uma *rede* pelo cuidado em liberdade.



## Referências

AMARANTE, P. **Loucura e transformação social**: autobiografia da reforma psiquiátrica no Brasil. São Paulo: Zagodoni, 2021.

BARROS, M. **Poesia completa**: Manoel de Barros. São Paulo: Editora Leya, 2010.

BARROS, M. E. B.; PIMENTEL, E. H. C. (2012). Políticas públicas e a construção do comum: interrogando práticas psi. *Revista Polis e Psique*, 2(2): 3-23. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/PolisePsique/article/view/35746>

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BENJAMIN, W. **Rua de mão única**. Editora Brasiliense, 1987.

BIRMAN, Joel. **Mal-estar na atualidade**: a psicanálise e as novas formas de subjetivação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*, (19), 20-28, 2002.

BORDAR. *In*: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/bordar/>>.

BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. Portaria nº 3.088, de 23 de dezembro de 2011. Institui a Rede de Atenção Psicossocial para pessoas com sofrimento ou transtorno mental e com necessidades decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez. 2011.

BUTLER, Judith. *Relatar a si mesmo. Crítica da violência ética*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

CALLIGARIS, Contardo. **Introdução a uma Clínica Diferencial das Psicoses**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1989.

CAMPOS, Gastão Wagner de Sousa. Democracia institucional e cogestão de coletivos organizados para a produção. *In*: **Um método para análise e cogestão de**

**coletivos: a constituição do sujeito, a produção de valor de uso e a democracia em instituições - o método da roda.** São Paulo: Hucitec, p.123-197, 2000.

CANGUILHEM, Georges. **O normal e patológico.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

DÁ PRA FAZER. Direção de Giulio Manfredonia. Produção de Angelo Rizzoli Jr e Andrea Rizzoli Jr. Itália: Warner Bross, 2008. (111 min.). DVD.

DAMÉ, Cândice. Anomia e mal-estar no século XXI. **Revista CEPdePA**, v. 26, 2019, p. 141-164. Disponível em: <<http://cepdepa.com.br/wpcontent/uploads/2020/04/11C%C3%A2ndiceDam%C3%A9-9-Anomia-e-mal-estar-no-s%C3%A9culo-XXI.pdf>>.

DE BARROS, M. E. B.; LOUZADA, A. P.; VASCONCELLOS, D. Clínica da Atividade em uma via deleuziana: por uma Psicologia do Trabalho. **Informática na educação: teoria & prática**, Porto Alegre, v. 11, n. 1, 2008.

DEJOURS, C. **A banalização da injustiça social.** Rio de Janeiro. Fundação Getúlio Vargas, 1999.

\_\_\_\_\_. **Trabalho Vivo II: Trabalho e emancipação**, São Paulo: Blucher, 2022.

DOR, Joel. **Introdução à leitura de Lacan** – o inconsciente estruturado como uma linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

\_\_\_\_\_. **O pai e sua função em psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1991.

FANON, F. *Alienação e liberdade. Escritos psiquiátricos.* São Paulo: Ubu, 2020, p. 7-19. (Coleção Explosante).

FERRARI, Judete. Biruta na rede: o protagonismo de usuários(as) e a ajuda mútua em saúde mental. In: Estado do Rio Grande do Sul. **Luta Antimanicomial e os 30 anos da Lei Estadual da Reforma Psiquiátrica-RS: Em defesa do cuidado em liberdade.** Assembleia Legislativa. Porto Alegre, 2022.

FICK, T. K. **Vazios do Trabalho.** Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional) – Faculdade de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p. 81. 2016.

- FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Ditos & Escritos IV: Estratégia, Poder-Saber** (2ª Ed.). Forense Universitária, 2006.
- \_\_\_\_\_. **A História da Loucura** (11ª Ed.). Perspectiva, 2017a.
- \_\_\_\_\_. **Microfísica do poder** (5ª Ed.). Paz & Terra, 2017b.
- FREUD, S. (1930) **O mal-estar na cultura**. Editora Autêntica, 2020.
- \_\_\_\_\_. (1932/33) “**Conferência XXXI A Dissecção da Personalidade Psíquica**”. Em: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud [ESB]. Rio de Janeiro: Imago, 1977, vol.22.
- GHIRARDI, M. I. G. Terapia ocupacional e processos econômico-sociais. In: LOPES, R. E.; MALFITANO, A. P. S. *Terapia Ocupacional social: desenhos teóricos e contornos práticos*. São Carlos: EdUFSCar, 2016. p. 09-374.
- GULLAR, F. (2015). **Toda Poesia** (21ª Ed.). José Olympio, 2015.
- KIERNIEW, J. G., FRÖHLICH, C. B., & MOSCHEN, S. Limiares no hospital: bordar histórias, escrever memórias. *Revista Conhecimento Online*, 2020, 108–128.
- LACAN, Jacques. (1955-1956). **as psicoses**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1981.
- \_\_\_\_\_. (1959-60). O seminário, livro 7: **a ética da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.
- \_\_\_\_\_. (1975-1976). O Seminário, livro 23: **o sinthoma**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- \_\_\_\_\_. (1968). O Seminário, livro 16, **De um Outro ao outro**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008
- \_\_\_\_\_. (1957-58). O Seminário, livro 5, **as formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- LLANSOL, M. G. **Da sebe ao ser**. Lisboa: Rolim, 1988.
- MADEIRA, Manoel & MOSCHEN, Simone. “Tu não vais me faltar”: tessituras entre fantasma e (de)negação nas psicoses. In **Psicologia USP**, v. 28, p. 396-404, 2017.

MADEIRA, M. L. **Clínica das tessituras em transferência: pesquisa, ensino e extensão**. Tese (Doutorado em Psicologia) – Faculdade de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2016. (Texto não publicado).

MBEMBE, Achille. Necropolítica. **Revista Arte e Ensaios**, 32: 122-152, 2016. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993>

MENEZES, L.S. de. Pânico e desamparo na atualidade. *Ágora*, v.8, n.2, 2005, p. 193-206.

MILLER, J.-A. (1990) La sutura: elementos de la lógica del significante, in **Matemas II**. Buenos Aires: Manantial, 2ª edición.

MOSCHEN, Simone. Entre. **Revista Psicanálise**: invenção e intervenção, Porto Alegre, v. 41-42, n. 1, p. 2-272, 2012. Semestral.

PALOMBINI, Analice de Lima. Reforma psiquiátrica como garantia de direito à cidadania: Por um cuidado em liberdade antimanicolonial. In: Estado do Rio Grande do Sul. **Luta Antimanicomial e os 30 anos da Lei Estadual da Reforma Psiquiátrica-RS**: Em defesa do cuidado em liberdade. Assembleia Legislativa. Porto Alegre, 2022.

PALOMBINI, Analice. O rei está morto, viva o psiquiatra! Dispositivos de poder, psicanálise e loucura. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*. Porto Alegre. (28): 86-92, abril/2005.

PELLEGRINO, Helio. **Pacto Edípico e Pacto Social**. Folha de São Paulo, 1983.

PORTO ALEGRE, Conselho Municipal de Saúde. Análise Comparativa entre as Propostas de alteração de Lei Complementar 277/92. 2022. Em [http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/cms/usu\\_doc/plc\\_026.21.pdf](http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/cms/usu_doc/plc_026.21.pdf)

QUINET, Antonio. **Os outros em Lacan**. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012.

\_\_\_\_\_. **Teoria e clínica da psicose**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

\_\_\_\_\_. **Psicose e Laço Social**. Esquizofrenia, Paranoia e Melancolia. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2010.

RAUTER, Cristina. *Oficinas para quê?* Uma proposta ético-estético-política para oficinas terapêuticas. In: AMARANTE, P. (org). *Ensaio: subjetividade, saúde mental, sociedade*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2000. Loucura & Civilização collection, pp. 267-277.

REDE. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/rede/>>.

RICKES, S. M. A construção da memória e a condição da perda. *Horizontes*, v. 23, n. 1, p. 39-46, jan./jun. 2005.

RICKES, S. M. & GLEICH, P. *Letras em oficina: a afirmação retumbante do “não”*. *Psicologia & Sociedade*; V. 21 Edição Especial: 112-122, 2009.

RINALDI, Doris. Psicologia das massas, mais ainda: fraternidade, ódio e segregação. *Trivium* [online]. 2021, vol.13, n.spe, pp. 56-62. ISSN 2176 4891. <http://dx.doi.org/10.18379/2176-4891.2021vNSPEAp.56>.

RIVERA, Tania. Arte E Loucura Se Articulam Em Chave Política. *Psicanalistas pela Democracia*, 2017. Disponível em: <<https://psicanalisedemocracia.com.br/2017/09/arte-e-loucura-se-articulam-em-chave-politica-entrevista-com-tania-rivera/>>. Acesso em: 27 de março de 2023.

RIVERA, Tania. *o sujeito é uma multidão ensaio sobre os trabalhos sonoros de Cildo Meireles*. In: **pelas vias da dúvida**: 2º encontro de pesquisadores de pós-graduação em artes do estado do rio de janeiro, 2012, Rio de Janeiro. pelas vias da dúvida. rio de janeiro: escola de belas artes, 2012. p. 23-31.

ROTELLI, F. Empresa Social: construindo sujeitos e direitos. In: AMARANTE, P. (coord.) *Ensaio: subjetividade, saúde mental, sociedade*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz. Coleção Loucura & Civilização, 2000. p. 301-306.

SAFATLE, V. **Maneira de transformar mundos** – Lacan, política e emancipação. 1ª ed. Belo Horizonte. Autêntica. 2020.

SAFATLE, V, JÚNIOR, N. D. S. & DUNKER, C. (orgs.). **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte, Autêntica, 2021.

SARACENO, B. **Libertando identidades**: da reabilitação psicossocial à cidadania possível. Rio de Janeiro: Te Corá/ Instituto Franco Basaglia, 2001.

SLCLIAR, Moacyr. **Mês de cães danados**. Porto Alegre, L&PM Editores, 1977.

SILVA, A. D., HESSEL, A., BARFKNECHT, K., FICK, T. K. Geração POA e o enlace com a cidade na promoção de vida. In: Estado do Rio Grande do Sul. **Luta Antimanicomial e os 30 anos da Lei Estadual da Reforma Psiquiátrica-RS**: Em defesa do cuidado em liberdade. Assembleia Legislativa. Porto Alegre, 2022.

SIMONI, A. C. R. RICKES, S. M. *Do (des)encontro como método*. **Currículo sem Fronteiras**, v.8, n.2, pp.97-113, Jul/Dez 2008.

SOUSA, Edson. **Furos no futuro**: psicanálise e utopia. Porto Alegre: Artes & Ecos, 2022.

\_\_\_\_\_. *Psicanálise e a vocação iconoclasta das utopias*. In: **MORUS - Utopia e Renascimento**, n. 6, 2009

TESSITURA. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/tessitura/>>.